

ELEIÇÕES

Lula ataca gestão de Zema

Presidente diz que governador de Minas não apresentou “nenhum projeto” ao PAC para obras de prevenção de tragédias

» FRANCISCO ARTUR DE LIMA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva criticou, ontem, o governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), por omissão por não ter usado uma verba de R\$ 3,5 bilhões do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC), que foi disponibilizada pelo governo federal ao estado. Ao participar da 6ª Conferência Nacional das Cidades, no Centro Internacional de Convenções do Brasil (CICB), o presidente recorreu ao ministro das Cidades, Jader Filho, para provocar o governador mineiro.

“Nós colocamos R\$ 3,5 bilhões (do PAC) para Minas Gerais. O que o governador tinha de fazer?”, perguntou o presidente ao ministro. “Apresentar um projeto e a documentação para que as obras fossem contratadas”, respondeu Jader Filho, que complementou a resposta com a informação de que a gestão liderada por Zema não apresentou nenhum projeto até agora.

Esses recursos, segundo o presidente, seriam repassados a Minas Gerais para financiar obras do PAC. Romeu Zema é um dos nomes mais cotados para ser candidato a vice-presidente na chapa opositorista de Flávio Bolsonaro (PL-RJ). Minas Gerais, por sua vez, é um dos estados estratégicos na eleição de outubro. Após criticar o governador, Lula anunciou que estará, hoje, em Juiz de Fora para visitar famílias afetadas pelas chuvas intensas que assolam municípios da Zona da Mata mineira.

“Eu vou fazer uma visita, e vou conversar com os prefeitos das cidades (afetadas pelas chuvas)”, disse Lula. A ida a Juiz de Fora será a segunda viagem do presidente à região (Leia mais sobre as chuvas no Sudeste na página 6).

Ao longo desta semana, o governo federal anunciou diversas medidas para atender à população afetada pelos temporais e ajudar os prefeitos na tarefa de reconstrução das cidades. Ministros estiveram nas áreas afetadas, e o vice-presidente, Geraldo Alckmin, anunciou a liberação de R\$ 800 às famílias desabrigadas. A quantia, destinada a cada membro da família, será encaminhada aos municípios, responsáveis por localizar os desabrigados e aplicar os recursos federais na aquisição de produtos. Além desse recurso, o governo anunciou que benefícios



Nós colocamos R\$ 3,5 bilhões (do PAC) para Minas Gerais. O que o governador tinha de fazer?”

Luiz Inácio Lula da Silva,
presidente da República

"Apresentar um projeto e a documentação para que as obras fossem contratadas"

Jader Filho, *ministro das Cidades*

como o Bolsa Família e o Benefício de Prestação Continuada (BPC) serão adiantados para os beneficiários atingidos.

Xadrez eleitoral

Além da conversa com prefeitos e da visita às famílias impactadas com as chuvas nos municípios da Zona da Mata mineira, a viagem de Lula ao estado governado por Romeu Zema ocorrerá em meio a indefinições da cúpula petista sobre quem representará o governo nas eleições para o Executivo mineiro, em outubro deste ano.

A expectativa do Planalto é o nome do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG), ex-presidente do Senado e aliado de Lula, para disputar o Executivo de Minas Gerais, segundo maior colégio eleitoral do país, com mais de 16 milhões de eleitores. Até o momento, no entanto, o parlamentar não demonstrou definições sobre se representará o petista no pleito.

Mesmo com a indefinição de Pacheco, aliados do senador têm argumentado que o parlamentar mantém o diálogo com o presidente Lula sobre as eleições deste ano.

Além da indefinição de Pacheco sobre se vai candidatar-se ao governo de Minas neste ano, pesa contra os planos de Lula o fato de o senador ser correligionário do vice-governador de Minas Gerais, Mateus Simões (PSD).

Ricardo Stuckert / PR



O presidente Lula com o ministro das Cidades, Jader Filho, em evento em Brasília: “Zema não apresentou nenhum projeto até agora”

Reunião para discutir eleição em SP

» VÍCTOR CORREIA

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva convocou o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e o vice-presidente Geraldo Alckmin para uma reunião na próxima semana, na qual devem definir o palanque governista em São Paulo. A conversa ocorre em meio à articulação para que Haddad dispute o governo paulista contra o atual mandatário, Tarcísio de Freitas. Apesar de o ministro resistir à possibilidade de recorrer, nas últimas semanas aliados de Lula começaram dar como certa a candidatura. O encontro entre os três foi revelado pelo jornal *Folha de S.Paulo*, e confirmado pelo **Correio** com interlocutores do governo federal.

A reunião não está confirmada, mas está sim na previsão de Haddad. Ela deve ocorrer assim que o ministro voltar a Brasília,

na terça-feira. Ontem, ele embarcou para São Paulo, de onde despacha com alguma frequência nos finais de semana.

Lula marcou o encontro na quinta-feira, durante um jantar com Haddad no Palácio da Alvorada. A conversa entre os dois serviu para consolidar os rumores de que o ministro tinha finalmente cedido aos apelos de Lula para concorrer em São Paulo. Aliados apostavam que a viagem dos dois à Índia e à Coreia do Sul, que durou uma semana, serviria para cimentar a estratégia.

Antes do jantar, Haddad disse a jornalistas na porta da Fazenda que não discutiu o tema com Lula na viagem. “Não conversamos sobre São Paulo durante os oito dias de viagem, nem no avião, nem nas visitas, não houve nenhuma conversa”, disse o chefe da Fazenda. “Eu não conversei com ninguém

do PT sobre o assunto e não conversei com o presidente Lula durante a viagem. Antes da viagem, nós tivemos duas conversas sobre o tema, não conclusivas, e vamos, possivelmente, ter outras conversas”, disse Haddad.

Entre aliados do líder petista, a candidatura é dada como certa, apesar da resistência do ministro. Seu plano original seria participar da coordenação da campanha de Lula, sem disputar cargos em outubro, mas ele é visto como o único nome capaz de competir contra Tarcísio, e o presidente insiste há meses que ele concorra. Haddad disputou o governo paulista em 2022, mas perdeu para o atual governador. Pressionado pelo próprio chefe do Executivo e pelo PT, a tendência é que o ministro aceite concorrer.

Alckmin, por sua vez, é outra peça central para o palanque

paulista. Porém, enfrenta ainda uma indefinição sobre seu papel. Aliados de Lula do MDB e uma ala no PT defendem que o vice-presidente saia da chapa e concorra em São Paulo ao Senado. Isso abriria espaço para um vice emedebista, como o ministro dos Transportes, Renan Filho, ou o governador do Pará, Helder Barbalho. Segundo petistas, o objetivo é ampliar o leque de alianças do chefe do Executivo. Porém, Alckmin já sinalizou que quer continuar como vice e, se Lula decidir o contrário, prefere não disputar a nenhum cargo em outubro. A indefinição também vem causando desgastes com integrantes do PSB, partido de Alckmin, como mostrou o **Correio** na edição passada. Aliados do vice-presidente acreditam, porém, que é pouco provável que o presidente decida retirar Alckmin da chapa.

Tarcísio entra na campanha de Flávio

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) participaram, ontem, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (Alesp), de sessão solene em homenagem ao presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto. O evento marcou a primeira aparição pública conjunta de Tarcísio e Flávio desde o lançamento da pré-candidatura do senador ao Planalto e funcionou como um gesto de aproximação política.

No discurso, o governador de São Paulo se referiu a Flávio como “futuro presidente” e afirmou que os dois tiveram um “excelente papo sobre o Brasil”, na manhã de ontem, em referência ao encontro reservado no Palácio dos Bandeirantes antes da cerimônia. “Flávio será capaz de unir todos num projeto convergente”, completou.

Na sequência, o senador retribuiu as declarações e afirmou que “estava aguardando o momento de estar ao lado do governador Tarcísio”. “É o momento mais importante das nossas vidas para os próximos 40 anos”, acrescentou, ao defender a construção de um projeto comum.

Toda essa movimentação ocorre depois de meses de cautela por parte de Tarcísio, desde o anúncio da pré-candidatura do senador, no início de dezembro do ano passado. Inicialmente, o governador evitou declarações enfáticas de apoio e manteve o discurso de foco na gestão estadual, postura que gerou incômodo entre bolsonaristas que esperavam adesão mais direta.

É justamente essa disputa que permeia as articulações no plano

Reprodução/X



Tarcísio de Freitas e Flávio Bolsonaro posam juntos em meio às negociações para montagem do palanque em SP

estadual. A principal frente de negociação é a composição da chapa à reeleição. André do Prado ganhou força como opção para a vice, com respaldo de Valdemar. O atual vice-governador, Felício Ramuth (PSD), ligado a Gilberto Kassab, ainda articula sua permanência no cargo, caso Tarcísio dispute a reeleição em outubro. A definição tornou-se peça-chave na relação entre Republicanos, PL e PSD e funciona como termômetro da influência que cada legenda pretende exercer em um eventual segundo mandato de Tarcísio.

O embate ficou explícito na última quarta-feira, quando Tarcísio

afirmou que “não existe esse negócio de direito do partido” na escolha do vice. A declaração foi uma resposta à fala de Valdemar, que havia dito considerar um “direito” do PL reivindicar a vaga e classificou Prado como um “ótimo nome” para a função.

Aliados do governador avaliam que a pressão pública do PL pode surtir efeito contrário e dificultar a consolidação de Prado. Parte da própria legenda compartilha dessa leitura e defende reduzir cobranças ostensivas, apostando em articulação nos bastidores sob o argumento de que Tarcísio tende a endurecer quando se sente pressionado.

Nesse contexto, a presença de Flávio na Alesp também foi interpretada como gesto de prestígio a André do Prado e a Valdemar. Anotações feitas pelo senador em reunião com dirigentes do partido indicam que ele discutiu a possibilidade de o presidente da Assembleia integrar a chapa como vice.

Ao lado do nome de Prado, escreveu “vice?”. Em referência a Ramuth, registrou apenas um cifrao. O site Metrôpoles publicou que o vice-governador é investigado em Andorra sob suspeita de lavagem de dinheiro, informação classificada por Tarcísio como “fofoca”. (**Agência Estado**)

Negociação para vagas ao Senado

O senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) afirmou, em São Paulo, que ainda pretende ouvir a opinião do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), sobre a vaga ao Senado na chapa que está construindo no estado. Segundo o senador, o entendimento é que caberá ao governador indicar um dos dois nomes para a disputa. O escolhido de Tarcísio é o deputado federal Guilherme Deritte (PP-SP), ex-secretário de Segurança Pública e relator da PEC da Segurança Pública, no Congresso. A segunda vaga deve ficar com o PL, na cota da família Bolsonaro, conforme acordo entre o ex-presidente e o governador.

Flávio reforçou que decisões estratégicas sobre sua eventual candidatura passam pelo pai dele, o ex-presidente Jair Bolsonaro, que cumpre pena de prisão, em Brasília, por liderar uma tentativa de golpe de Estado. “Não há decisão que eu tome que não passe por Jair Bolsonaro”, afirmou.

O encontro com Tarcísio, ontem, na capital paulista, também reuniu outras lideranças do campo conservador, como o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), e o senador Rogério Marinho (PL-RN), um dos principais articuladores da pré-campanha presidencial de Flávio. A presença de ambos reforçou o caráter político do ato e inseriu a cermônia no contexto mais amplo das negociações nacionais da direita para 2026.

“Gênio difícil”

O prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), declarou, no evento, que o ex-presidente Jair Bolsonaro “tem um gênio difícil”, mas “é uma pessoa que a gente considera, gosta muito”. No contexto das eleições municipais de 2024, Bolsonaro afirmou que Nunes não era seu “candidato dos sonhos”, embora tenha dito que manteria o acordo de aliança firmado entre eles. Na mesma ocasião, elogiou o então pré-candidato Pablo Marçal (PRTB), de quem se aproximou naquele período.

Ontem, Nunes também citou o ministro da Secretaria Geral da Presidência, Guilherme Boulos, que disputou com ele a prefeitura de São Paulo, em 2024. Segundo o prefeito, o adversário teria articulado uma frente política com o PT e outros partidos com o objetivo de enfraquecer sua candidatura.

“Montaram a candidatura de um cara que, hoje, está no governo federal (Boulos) não para vencer, mas para nos bater. Então, eles criaram toda uma estratégia. E o Valdemar (Costa Neto) falava assim: ‘Não, a gente não pode desunir. Não vamos entregar a cidade para o invasor’”, afirmou. Invasor é um termo pejorativo que adversários usam para adjetivar Boulos, que atuou como coordenador do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), organização criada para lutar pelo direito à moradia que ocupa imóveis abandonados ou irregulares. (**Agência Estado**)